
Educomunicação e educação contextualizada: um olhar sobre a indissociabilidade a partir da experiência do Carrapicho Virtual¹

Érica Daiane da Costa Silva²
João José de Santana Borges³

Universidade do Estado da Bahia - UNEB

RESUMO

Este artigo traz para a reflexão acadêmica a relação indissociável entre educomunicação e educação contextualizada, tomando como referência a proposta de contextualização da educação formal e não formal voltada para a Convivência com o Semiárido brasileiro, um eixo central no Programa de Pós-Graduação em Educação Cultura e Territórios da Universidade do Estado da Bahia – Uneb. Para tanto, toma-se por base a experiência do Carrapicho Virtual, iniciativa protagonizada por adolescentes e jovens de comunidades do Vale do Salitre, área rural do município de Juazeiro (BA).

PALAVRAS-CHAVE

Educomunicação; Educação Contextualizada; Semiárido; Carrapicho

INTRODUÇÃO

Apesar da educomunicação ainda não ter o espaço merecido dentro do campo de estudo da educação e da comunicação, o Departamento de Ciência Humanas da Uneb, Campus III, tem valorizado esse novo campo teórico-prático desde meados dos anos 2000, trabalhando-o a partir de disciplinas, projetos de extensão e pesquisas nos cursos de Comunicação Social – Jornalismo e Pedagogia. Tenho me inquietado, porém, e buscado problematizar, a compreensão que os dois cursos tem deste conceito, visto que é

¹ Trabalho apresentado na DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 5 a 7 de julho de 2018

² Mestranda em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB com a Pesquisa “Carrapicho: experiências de educomunicação com adolescentes e jovens do Vale do Salitre”; Docente no curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda da Faculdade São Francisco de Juazeiro (BA); e-mail: ericadaianecosta@gmail.com;

³ Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (2011). Professor da Universidade do Estado da Bahia e Orientador da Pesquisa “Carrapicho: experiências de educomunicação com adolescentes e jovens do Vale do Salitre”. e-mail: joamundo1@gmail.com.

abordado de formas diferentes (Santos, Teles e Silva, 2016) e por vezes limitadas por suas perspectivas específicas.

Essa divergência que parece haver na compreensão, ao meu ver, em alguns momentos reduz a ampla concepção que defendemos a partir das contribuições de Soares (2013, 2011), Martín-Barbero (2011) e Schaum (2002). Outro elemento que se soma a isso é a intenção em reforçar o olhar para a relação indissociável entre educomunicação e educação contextualizada, não podendo haver, sob nossa ótica educomunicação sem contextualização.

Essas observações se materializam a partir da experiência com o Carrapicho Virtual, projeto social que surgiu de uma experiência com a pesquisa-ação na conclusão do curso de graduação em Comunicação Social – habilitação em jornalismo em multimeios pela Uneb em 2010. O Carrapicho nasceu como um informativo comunitário impresso que tinha o objetivo de divulgar notícias acerca do Vale do Salitre, interior de Juazeiro (BA), porém não teve continuidade de imediato.

Com o propósito de retomar a produção de notícias locais e estimular a formação política de jovens e sua intervenção na comunidade, em 2015, fruto de oficinas com adolescentes das comunidades de Alfavaca e Baraúna, foi produzida e lançada a segunda edição do Carrapicho. Um ano depois, diante da ampliação do acesso à internet nas comunidades do Salitre e da possibilidade de concorrer a uma premiação organizada pela Brasil Foundation, através do Prêmio de Inovação Comunitária “Outra parada”, vislumbramos o Carrapicho Virtual, projeto que visava estender o informativo para o ambiente virtual e que foi selecionado entre 72 iniciativas financiadas em todo o país.

A partir de oficinas de educomunicação, o projeto ganhou força através da produção de vídeos, fotografias e textos para a página Carrapicho Virtual lançada na rede social *Facebook*. O novo canal de comunicação da região do Salitre divulga notícias a partir de um processo de produção de conteúdos baseado na responsabilidade com a informação, dando visibilidade a pautas de relevância social para a região, prezando pela função social dos meios de comunicação e contribuindo assim com a democratização da Comunicação. A gestão compartilhada também se faz presente na proposta do Carrapicho Virtual, que tem como objetivo central a formação política e técnica desses/as sujeitos, bem como o fortalecimento do sentimento de pertencimento

à região. Além disso, sessões de Cinema ao ar livre são realizadas nas comunidades, com a participação do grupo em todo processo de organização.

EDUCOMUNICAÇÃO: MAIS QUE UMA JUNÇÃO DE PALAVRAS

A ação pedagógica é objeto da educabilidade do ser humano, conforme chama atenção José Carlos Libâneo (2001) que defende a necessidade da teoria e a prática da educação. O autor pauta “a retomada da noção de educação, como favorecimento das condições de apropriação efetiva dos conteúdos culturais” (p. 100).

O que temos percebido, no entanto, é um distanciamento da realidade, o que não é nada novo no modelo de educação convencional, sendo alternativas a essa formatação, as chamadas escolas diferenciadas, como as Escolas Famílias Agrícolas, escolas comunitárias, escolas rurais, etc. Temos assistido a uma crescente do que Santos (2002, p. 248) vai chamar de “lógica da produção da inexistência”, que se expressa na “lógica da escola dominante”, sendo

essa não-existência produzida sob a forma do particular e do local. As entidades ou realidades definidas como particulares ou locais estão aprisionadas em escalas que as incapacitam de serem alternativas credíveis ao que existe de modo universal ou global.

Ao nos depararmos com a experiência do Carrapicho Virtual, vemos que faz sentido o que nos fala Berger (1980), quando se refere ao processo educativo como algo que deve ser entendido como esse movimento de emancipação, tanto no âmbito individual quanto coletivo. Para que haja essa emancipação faz-se necessário a consolidação de uma prática educativa que garanta autonomia na construção do conhecimento, considerando a vivência de cada sujeito envolvido, as experiências e anseios.

As experiências de comunicação e educação que se dão nos espaços informais, a exemplo do Carrapicho Virtual, que não está diretamente ligado a nenhuma instituição formal de educação, se processam justamente com base nesta tomada de consciência, à medida que o indivíduo compreende o poder destas áreas no processo de transformação social, na mudança de atitude, ou seja, no caminhar na contramão da “inexistência”. Neste caso, Soares (2003) destaca que se no contexto das duas áreas, há uma relação

entre a teoria e a prática, se há uma intervenção social e uma reflexão sobre esta prática, pode-se apontar a existência de experiências educacionais.

A educação surge, portanto, com a proposta de questionar o uso das tecnologias em prol de uma real democratização ou apenas em favor da reprodução de um sistema alienante e opressor. A prática educacional se configura como um espaço de discussão para cidadania, que assume posição estratégica de resistência frente às transformações sociais. É, portanto, uma forma de enfrentamento às estruturas que manipulam a opinião pública em favor da difusão de uma ideologia dominante, ou seja, em favor dos valores sócio-culturais e do poder econômico de uma minoria. (SOARES, 1996).

A educação é por sua vez um conceito que não se explica apenas mediante a junção de dois termos na escrita, mas que consiste na existência de um novo campo do conhecimento. O termo educador, de acordo com Schaum (2002), teve origem com o argentino Mário Kaplún, que, além de amigo, comungava das concepções de educação do brasileiro Paulo Freire.

Antes de mais nada, é indispensável trazer aqui uma das contribuições de Kaplún (1998) que chama atenção para um tipo de educação comunitária, grupal, através da experiência compartilhada e nunca individual. Uma forma de pedagogia da comunicação que reconhece a criatividade de cada indivíduo, exalta valores comunitários, de solidariedade e cooperação. Em consonância com esta visão, Freire (1998, p. 260) esclarece que “a formulação dessa Pedagogia está alicerçada no conceito antropológico de cultura, onde a comunicação desempenha papel fundamental”.

A partir da necessidade de desenvolver reflexões mais sólidas sobre a relação existente entre a comunicação e a educação, pesquisadores/as brasileiros, tendo forte influência dos estudos já desenvolvidos pelos teóricos já citados, debruçaram-se sobre o tema. No Brasil, os estudos tiveram início a partir de uma pesquisa realizada pelo Núcleo de Comunicação e Educação da ECA (Escola de Comunicação e Artes) da Universidade de São Paulo, junto a um grupo de especialistas de 12 países da América Latina, contando com a parceria de pesquisadores da UNIFACS/BA.

Em 1999, conforme descreve Soares (2003, p. 266), o governo federal promoveu o Fórum Mídia e Educação tendo como colaboradores fundações e profissionais da

comunicação e da educação. Na oportunidade, o NCE/USP apresentou a proposta “no sentido de reconhecer que a relação entre comunicação e cidadania vai além da questão da liberdade de expressão, passando pela universalização do direito à comunicação. A isso se denomina educomunicação”. O documento final do Fórum, portanto, reconhece a inter-relação entre a Comunicação Social e a educação, o que resulta em um campo de intervenção social específico que oferece um novo espaço de trabalho, uma vez que exige a emergência de um profissional com um novo perfil, o educador.

Na mesma obra, o autor, pioneiro nos estudos sobre educomunicação no Brasil, enfatiza que a comunicação e a educação sempre andaram muito próximas e muitos projetos já desenvolvidos apontam que essas duas áreas, na verdade, integram-se. Segundo Soares (2010), a prática educacional vê na educação e na comunicação um espaço de discussão e cidadania, que assume posição estratégica de resistência frente às transformações impostas pelo sistema político, social, econômico gerador de opressões e desigualdades.

Apesar da preocupação com o enfrentamento ao sistema normalmente não fazer parte da realidade de boa parte da sociedade, especialmente as pessoas mais jovens, devido à relação íntima com as tecnologias de informação, a juventude é considerada um público potencial com o qual podem ser desenvolvidas experiências de educomunicação. Entretanto, não há restrição para a execução de tal atividade, pois a intenção é desenvolver atitudes e comportamentos, habilidades e conhecimentos a partir das diversas formas de exercer o direito à comunicação.

Nesse sentido, Anna Penido, no texto *Educação pela Comunicação* aborda a observação crítica, a experimentação, interatividade, inclusão, criatividade, cooperação e a participação como exemplos de princípios fundamentais desta prática. Penido (2008, p. 49) pressupõe a existência de quatro etapas essenciais nesse processo: preparação, planejamento, produção e disseminação. Essas ações geram impactos na vida social das pessoas e das comunidades, que, uma vez mobilizadas,

mostram-se mais participativas, críticas e pró-ativas em torno de questões do seu interesse; valorizam e lidam melhor com a diversidade e as ações de caráter coletivo e possuem maior nível de criticidade, acesso e apropriação em relação às tecnologias e os meios de comunicação.

Ao observar a atuação do Carrapicho Virtual, percebemos o interesse dos/das jovens em terem suas ideias ouvidas, o que, conforme vai se delineando o processo de discussão de temas sociais, essas ideias voltam-se cada dia mais para o respeito à diversidade, os direitos essenciais e a valorização da identidade e história local.

Esta observação já se delineia com parte dos ecossistemas comunicativos, os quais entendemos como um fenômeno que acontece a partir da promoção de uma verdadeira "gestão da comunicação em espaços educativos", ou seja, a comunicação precisa ser planejada, administrada e avaliada, permanentemente. Por isso, o ecossistema comunicativo estará sempre, e necessariamente, em construção. Um conceito que para o autor tem legitimado a eficácia desse campo teórico-prático, a educomunicação. (SOARES, 2010).

Já Martín-Barbero (2011), tem uma compreensão diferenciada. O autor se refere a ecossistema comunicativo como o sentido dado às novas dinâmicas sociais proporcionadas, sobretudo, pelas tecnologias. Para ele, esse sentido tem sido tão vital que pode ser comparado ao ecossistema ambiental, por exemplo. Ele considera também o universo de possibilidades educativas que as tecnologias promovem, ultrapassando barreiras geográficas e culturais, isto para ele define também a existência desses ecossistemas.

Na experiência descrita neste artigo, podemos perceber as duas formas de ecossistemas comunicativos e notamos que essa ação crítica-ativa emerge no contexto da Convergência Midiática, conceito que toma por base as reflexões de Jenkins (2010), que apesar de não possuir uma definição única, se debruça sobre a circulação de informações a partir de diversas plataformas. A internet converge hoje diversos outros meios, a exemplo do texto escrito, o vídeo, rádio, fotografia, música, entre outros, o que tem facilitado a ação do Carrapicho Virtual.

É inevitável, contudo, pontuar que tal globalização promovida pela convergência dos meios de comunicação possui um potencial transformador das condições existenciais na vida contemporânea, vide as ressignificações da cultura, modos de relacionamento, produção e representação política, gostos, etc. Isso tudo exige estratégias globais de adaptação à nova realidade, carecendo, portanto, medidas de ordem política, econômica, social, jurídica, a delimitação entre as esferas públicas e privadas, e inclusive orientando

a pesquisa e formas de produção do conhecimento no universo da educação formal. (WEBER, BENTZ E HOHLFELDT, 2002)

Para Weber, Bentz e Hohlfeldt (2002, p 131), para fazer sentido na sociedade democrática, esse novo cenário deve garantir “novas oportunidades de ter, literalmente, voz e vez no processo de negociação do lugar do local no global, possibilitando uma inscrição na globalização a partir de um movimento de surgimento de dentro, e não como força de opressão imposta de fora”. Para tanto, defendem como indispensável a formação dos/das cidadãos e cidadãs, e a garantia, por parte do Estado, de possibilidades dos segmentos sociais acompanharem as mudanças de forma que não se deixem dominar, adotando para isso mecanismos como a “educação, a alfabetização digital crítica e o incentivo à pesquisa, notadamente. Por outro lado, devem-se elaborar quadros jurídicos e sociais específicos para preservar os interesses das categorias mais vulneráveis da sociedade.” (WEBER, BENTZ E HOHLFELDT, 2002, p. 131)

Vemos, neste sentido, a educomunicação como um caminho extremamente importante e necessário, especialmente tomando como referência a evolução das/dos jovens do Carrapicho mediante o envolvimento com as questões sociais locais e globais. Em acordo com Weber, Bentz e Hohlfeldt (2002, p 131), olhamos para o contexto da Convergência Midiática e atribuímos ao Estado e a sociedade civil o papel de promover o desenvolvimento a partir das mudanças resultantes desse contexto atual. Porém, vale frisar que não se deve falar de desenvolvimento

apenas no sentido puramente econômico e material, mas sim (e principalmente) de diversificação das opções de expressão e de cultivo de uma identidade cultural plural e específica, forjada na diferenciação e na singularização locais e no enraizamento regional. (WEBER, BENTZ E HOHLFELDT, 2002, p. 131)

Esta visão pressupõe uma prática educ comunicativa atrelada ao conhecimento, apropriação e problematização das realidades, exatamente o que norteia a proposta de educação contextualizada. Com base nisso temos reafirmado essa inter-relação entre os dois campos.

NÃO HÁ EDUCOMUNICAÇÃO SEM EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA

O trabalho com as/os adolescentes e jovens nos tem feito perceber que a educomunicação se faz necessária devido ao distanciamento da escola tradicional do

cumprimento de seu papel enquanto propulsora de uma educação dialógica, que, conforme apontava o educador Freire (2000), é um problema que está enraizado na própria construção do país que teve início sem diálogo. Ao fazer uma leitura do método Paulo Freire, Brandão (2005) faz referência a sociedade desigual (colonialista, capitalista e opressora) e sua manifestação do poder que oprime as pessoas e determina inclusive o saber. A educação na visão freireana, conforme a análise do autor, é um instrumento a serviço dessa forma de controle, servindo ao poder da sociedade desigual.

Em geral, os currículos e os planos pedagógicos são desarticulados da realidade local e pouco propagadores da problemática da região, o que faz com que a escola deixe de ter participação mais direta na conquista das necessidades da comunidade. Nas cidades, porém, essa prática não é mais avançada, carece, em geral, de mudanças reais na forma de conceber a educação, sobretudo no âmbito formal.

A prática educacional precisa romper com um modelo pouco democrático, centrado em uma historiografia marcada pelos grandes acontecimentos, com a distância entre a teoria e a prática, bem como entre as culturas, ainda que estas sejam próximas em diversos aspectos. Assim, ao se lançar na construção de um ecossistema comunicativo, é preciso pensar sob a lógica da interculturalidade, entendendo a riqueza cultural de determinada região sócio-climática e refletindo a partir dos estudos de Backes (2013 apud Kreutz, 1999).

A interculturalidade caminha ao lado de metodologias que valorizam o saber local, as tradições, os valores, a cultura de um povo, a qual pode se perder facilmente se não é documentado, registrado, revisitado. A valorização da história local surge então como uma forma de permitir que a história da humanidade possa ser contada por quem viveu os acontecimentos ou teve alguma ligação direta com os mesmos, podendo depois relatar e contribuir com seu registro, bem como com a interação entre as culturas.

Essa estratégia é parte bastante necessária à proposta de educação contextualizada, uma concepção de educação que integra a lógica da Convivência com o Semiárido⁴. No trabalho desenvolvido com o Carrapicho Virtual, é possível também identificar esta

⁴ Apresenta-se como compreensão política do conjunto de elementos que viabilizam a permanência humana na região do Brasil que possui clima semiárido, atendendo para a necessidade de garantia de direitos como terra e água, educação, produção apropriada, valorização da cultura popular, direito a comunicação, respeito ao meio ambiente, defesa das tradições e costumes desta região, tudo isso aliado a garantia de políticas públicas.

prática de educação que toma por base a valorização do local, com foco na história da região. Temos experienciado um encontro da educação, comunicação, arte e cultura, formando um campo de intervenção capaz de provocar problematizações e assim contribuir com a formação de novos sujeitos conscientes de sua importância na sociedade, sobretudo onde vivem.

Trazemos aqui também os conceitos de cidadania crítica e ativa (Santos, 2011) e intercalamos com as contribuições de Silva (2010, p. 05), ao trazer ao debate a afirmação de que “se a forma de ver o mundo condiciona a forma de nele atuar para transformá-lo, a cada visão de mundo corresponde uma filosofia de inovação que articula modos de interpretação e intervenção”. A partir do envolvimento desses/as jovens em eventos culturais como festejos tradicionais, o interesse por novas formas de lazer, o olhar para as possibilidades culturais e educativas que podem ser acessadas nesse universo do “glocal” (global + local) confirmam a eficácia da aliança natural que se forja entre a educomunicação e a educação contextualizada.

Nesse sentido, iniciativas como estas são necessárias para valorização e consolidação da riqueza cultural local, uma vez que a sociedade de modo geral está voltada para um processo de homogeneização, conforme nos lembra Silva (2010, p 05):

Os saberes, paixões, experiências, desafios, aspirações, frustrações, desejos, histórias, significados, sonhos e potencialidades locais eclipsaram sob o efeito homogeneizador/descontextualizador de modelos globais dominantes em todos os campos do conhecimento, inclusive no da educação.

É importante ressaltar que as/os adolescentes e jovens que integram o Carrapicho Virtual não estão, sob hipótese alguma, desconectados/as da cultura global, ao contrário, são conhecedores/as de aspectos nacionais e internacionais de áreas como a música, moda eletrônica, influenciadores digitais, etc. O que se quer destacar aqui é a atenção que as/os mesmos começam a dar aos aspectos da história do Salitre, os contos, a história viva, o apego ao patrimônio imaterial que o grupo está fortalecendo à medida que participa de discussões e realiza eventos culturais, principalmente.

Na escola, na maior parte dos casos, percebemos uma enorme dificuldade de trabalhar a história política, cultural, econômica e social das regiões, ficando os conteúdos engessados, baseando-se apenas nos livros didáticos, muitas vezes com informações

divergentes das realidades locais. A história oral, contextualizada, contribui com a (des)construção da própria história, estimula a prática da pesquisa, permitindo um maior envolvimento com o contexto.

Esse trabalho, porém, costuma ser feito pelas Organizações Não Governamentais, o que levou as pesquisas do Núcleo de Comunicação e Educação da USP a apontarem a existência do uso da comunicação e, por conseguinte, a educomunicação, “para colocar temas em debates de problemas sociais. Muitas pessoas em todo mundo, especialmente na América Latina e África, ao desenvolverem esses usos alternativos de comunicação, estavam interferindo tanto na educação, como na comunicação”. (SOARES, 2010)

Compartilhando do pensamento de Ismar de Oliveira Soares, Martín-Barbero (2005), chama atenção para o papel estratégico da comunicação na luta dos povos que buscam a renovação de sua cultura, percebendo-a como elemento que proporciona o reconhecimento de determinada comunidade ou fato social. Para o autor, as dinâmicas e os bloqueios da comunicação se dão tanto na associação dos processos de modernização dos países à revolução das tecnologias comunicativas, quanto na existência de uma comunicação de massa que se caracteriza por seu caráter manipulador.

Assim como constatamos que para configurar-se educomunicação há uma relação inseparável da educação e a comunicação, percebemos, portanto, também uma inter-relação da educomunicação com a educação contextualizada, neste caso, para a Convivência com o Semiárido. Tratamos aqui sobre o entrelaçamento, a indissociabilidade, não apenas uma relação de proximidade e semelhança como vem sendo apontada por alguns/as pesquisadores/as que tem refletido essa prática no DCH III – Uneb, mais especificamente no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos - PPGESA e no Doutorado Interinstitucional em Comunicação – Dinter, ambos ofertados no referido departamento.

Cabe recorrer às referências de Reis, Carvalho e Nóbrega (2011) que tem problematizado os fundamentos da educação contextualizada no Semiárido brasileiro, considerando a produção da existência a partir, inclusive, dos modelos de educação e os discursos que ela constrói e propaga. A educação contextualizada é um dos elementos postos como centrais para a consolidação da Convivência com o Semiárido. Trata-se de uma concepção pedagógica voltada para a valorização dos saberes e das realidades presentes em todo percurso educativo.

Toma-se como referência nesse sentido, teóricos/as do Semiárido brasileiro que têm se dedicado a problematizar o “modelo” de educação que se tem nas escolas da região semiárida, defendendo que estas devem firmar-se a partir de uma proposta pedagógica eficaz, construtivista, que contribua com a emancipação dos sujeitos que se reconhecem em determinado berço cultural. Esses estudos têm apontado a existência de uma educação descontextualizada e colonizadora, o que para Martins (2017, p. 02) um dos motivos é a escola se propor a reproduzir o conhecimento produzido em uma ou duas regiões do país, mais especificamente o sudeste urbano. Como uma das causas dessa descontextualização, o autor diz que há “a constatação de que é aí neste sudeste urbano onde atualmente se concentra a indústria editorial e midiática que produz e distribui esta narrativa hegemônica e seus enunciados”.

Nesta sintonia, Silva (2010) desconstrói o estereótipo tão arraigado na educação brasileira de que o Semiárido é uma região árida e improdutiva e fala sobre a aridez das mentes como um problema maior. É nesta perspectiva que as contribuições do autor tem sido de grande significância para este debate, especialmente a partir da sua obra “Aridez mental, problema maior: Contextualizar a educação para construir o ‘dia depois do desenvolvimento’ no Semi-Árido Brasileiro”. É nesta lógica de transformar a aridez forçada das mentes que a proposta do Carrapicho se sustenta, considerando a gama de possibilidades que o Semiárido brasileiro oferece em todas suas dimensões de existência.

Santos (2016), no entanto, chega para provocar rebuliços na compreensão de educação contextualizada defendida pela Rede de Educação do Semiárido brasileiro – Resab. Para o autor, o que deveria existir era uma educação descontextualizada, uma vez que o que está posto é o contexto, a versão colonizada que nos foi apresentada, portanto é preciso trabalhar uma nova perspectiva, a da desconstrução, criando assim os descontextos, isto é, novos contextos. Santos (2016, p 7) explica que a educação contextualizada opõe-se aos modelos colonizadores “e propõe uma emancipação dessas formas de pensamento. Assim ela questiona o contexto e anuncia, luta, por algo diferente dele, propondo um outro contexto, que chamo de descontexto”.

Para efetivar essas mudanças na educação, Santos (2013) menciona que as novas tecnologias da informação e comunicação, as quais conectam o local com o global, não podem ser deixadas de lado em hipótese alguma. Refletindo sobre o letramento nesta

perspectiva, o autor afirma que a educação contextualizada “não pode ignorar as textualidades ou o fato de que os temas de qualquer tipo de relevância social e cultural estão nas escolas e nas salas de aulas das diferentes realidades por intermédio dos signos (...) que precisam ser organizados em rotinas pedagógicas ricas e produtivas”. (SANTOS, 2013, p. 02)

Outro elemento fundante para a defesa da indissociabilidade entre educação contextualizada e educomunicação é a própria experiência analisada, uma vez que as observações já feitas nesse trajeto de existência do Carrapicho permitem apontar para isso. De maio de 2016 a maio de 2018 é visível o empoderamento que esses/as adolescentes e jovens vem conquistando, sobretudo firmando-se e assumindo-se como agentes ativos em um contexto social no qual percebem a importância do relevante trabalho que desenvolvem. Tal crescimento se percebe nas discussões entre o próprio grupo e em outros espaços, muitas vezes dando conta de se posicionarem frente a discussões políticas, especialmente quando se trata de debates de gênero, tolerância religiosa, sexualidade e diversidade de modo geral. A visão acerca do poder da mídia e da necessidade de produzir conteúdo local se confirma a cada discussão a esse respeito ou quando apresentam o projeto em eventos.

O olhar para as possibilidades de notícias que podem ser produzidas também se configura como um dos avanços. Observa-se aqui que isso é um resultado significativo de um processo de educação contextualizada não formal, uma vez que todo esse trabalho fortalece o pertencimento, a valorização dos saberes e cultura local. As pautas propostas pelos/as adolescentes e jovens sempre estão voltadas para as realidades do Vale do Salitre, priorizando a denúncia às injustiças sociais e problemas das comunidades ou dando visibilidade às manifestações populares, as potencialidades da região e organização comunitária.

É preciso compreender que a realidade hoje vivida pelos adolescentes e jovens do Carrapicho é uma realidade mediada pelos meios de comunicação, especialmente a internet, e esta realidade a escola não pode desconsiderar em seus processos de ensino-aprendizagem. Contudo, apesar de existirem esforços por parte dos sujeitos pedagógicos imbuídos na tarefa de alfabetizar e letrar, é crescente a decadência do uso da gramática, conforme os padrões adotados no país. Isto reflete no processo de formação crítica, especialmente dos/das educandos/as, e que não pode ser reparada com uma ação isolada

mas sim deve contar com mecanismos eficientes adotados pelo sistema educacional do país.

No entendimento desses/as jovens, a mídia livre Carrapicho vem para provocar e conscientizar as/os leitores e leitoras acerca da realidade local, como pontua Roseane Santos, de 15 anos, uma das educadoras: “aqui no Salitre tem que ter jornal... temos que falar das estradas, das empresas que estão chegando e destruindo o Salitre...”. Em outra frente de atuação, o apoio da comunidade, Sônia Ribeiro, uma das lideranças da comunidade de Baraúna destaca que esse projeto contribui para que “os filhos do Salitre não esqueçam suas origens e sintam orgulho de ser salitreiros e salitreiras”.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A experiência com a produção de conteúdo disseminado pelas edições impressas do Carrapicho e atualmente com o Carrapicho Virtual só reafirma a necessidade da mídia livre se fortalecer como instrumento de promoção da cultura e da consciência política frente ao monopólio dos meios de comunicação no Brasil. Para Soares (2003), uma vez que se contempla as duas áreas, há uma relação entre a teoria e a prática, há uma intervenção social e uma reflexão sobre esta prática, pode-se apontar a existência de experiências educacionais.

O atrativo da tecnologia deve ser tomado como motivo maior de envolvimento da juventude e a partir disso criar os ecossistemas comunicativos, tornando esses/as jovens sujeitos de seus anseios, dos problemas coletivos, da busca por soluções, começando pelo universo do lugar onde vivem, sem perder de vista todo o contexto onde estão inseridos/as, seja a comunidade, o bairro, o município, porém se propondo a enxergar a região, o país, a sociedade.

Com forte tendência à regionalização dos conteúdos, o Carrapicho se estabelece como um canal de mídia livre e conquista seu público que gosta de ser a notícia, que sente-se contemplado ao ver sua realidade (positiva ou negativa) sendo exaltada ou denunciada em um canal midiático capaz de dialogar com o mundo inteiro através da rede mundial de computadores. Isso nada mais é do que a promoção de uma proposta de educação contextualizada assumida por sujeitos fora da escola, ao tempo em que se vivencia uma

prática educomunicativa. Neste caso, reafirmamos a inter-relação entre as duas propostas formativas.

REFERÊNCIAS

BACKES, José Licínio. **Os conceitos de multiculturalismo/interculturalidade e Gênero e a ressignificação do currículo da educação básica**. Quaestio, Sorocaba, SP, 2013.

BERGER, Manfredo. **Educação e Dependência**. 3. ed. São Paulo: Difel, 1980.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é o método Paulo Freire**. São Paulo: Braziliense, 2005.

FREIRE, Paulo. A Comunicação na Pedagogia de Paulo Freire. In: MELO, José Marques de. **Teorias da Comunicação: paradigmas latino-americanos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

_____. **Educação como prática da liberdade**. 24. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 2ª edição. São Paulo. Aleph, 2010.

KAPLÚN, Mario. **Una pedagogia de la comunicación**. Madrid: Ediciones de la Torre, 1998.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Desafios culturais: da comunicação à educomunicação. In: CITELLI, A. O; COSTA, M. C. C. (Orgs). **Educomunicação: construindo uma nova párea de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.

MARTINS, Josemar da Silva. **Anotações em torno do conceito de educação para a convivência com o Semiárido**. Disponível em: <http://ppgesa.uneb.br/wp-content/uploads/2017/07/Anota%C3%A7%C3%B5es-em-torno-doconceito-de-ECSA.pdf>Acesso em 16 dez 2017.

REIS, Edmerson dos S.; CARVALHO, Luzineide D.; NÓBREGA, Luciana. (Org.). **Educação e Convivência com o Semiárido: Reflexão por dentro da UNEB**. 01 ed. Juazeiro: NEPEC-SAB, 2011

SANTOS, Boaventura de Souza. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. Revista Crítica de Ciências Sociais, 2002. Disponível em: <https://rccs.revues.org/1285>. Acesso em 24 de nov 2017.

_____, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. São Paulo: Cortez, 2011.

SANTOS, C; TELES, E. C; SILVA, F. A. **Educomunicação: a experiência do DCH III da Universidade do Estado da Bahia**. São Paulo: Intercom, 2016.

SANTOS, Cosme B. dos. **Letramento e comunicação intercultural**: o ensino e a formação do alfabetizador no semi-árido baiano. Disponível em: <http://www.ppgesa.uneb.br/arquivos/Letramento.pdf>. Acesso em 01 out 2013.

SANTOS, Juracy Marques dos. **Educação Descontextualizada**: desexplicando as explicações. In: REIS, Edmerson dos Santos e PINZOH, Josemar Martins (Orgs). O paradigma cultural: interfaces e conexões. Curitiba, PR: CRV, 2016.

SILVA, José de Souza. **Aridez mental, problema maior**: Contextualizar a educação para construir o ‘dia depois do desenvolvimento’ no Semi-Árido Brasileiro. EMBRAPA Algodão. Campina Grande-PB, 2010.

SCHAUM, Ângela. **Educomunicação**: reflexões e princípios. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

SOARES. **Educomunicação e cidadania**: a construção de um campo a partir da prática social. In: PERUZZO, Cicilia Maria Krohling e ALMEIDA, Fernando Ferreira de (Org.). **Comunicação para a cidadania**. São Paulo: INTERCOM, 2003

_____, Ismar de Oliveira. **Educomunicação**: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do Ensino Médio. São Paulo: Paulinas, 2011.

_____, Ismar de Oliveira. **Sociedade da informação ou da comunicação?** São Paulo: Cidade Nova, 1996.

_____, Ismar de Oliveira. **Ismar Soares define o conceito de educomunicação. (Entrevista), 2010**. Disponível em:

<<http://www.anj.org.br/jornaleeducacao/biblioteca/entrevistas/ismar-soares-define-o-conceito-de-educomunicacao>>. Acesso em: 13 de mai. de 2018.

SILVA, José de Souza. **Aridez Mental, problema maior: contextualizar a educação para construir o dia depois do desenvolvimento**, no semiárido brasileiro. Seminário Nacional sobre Educação Contextualizada para a Convivência com o Semi-Árido Brasileiro. Campina Grande-PB, 2010.

WEBER, M. H; BENTZ, I; HOHLFELDT, A. **Tensões e objetos da pesquisa em comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2002.